

## CAMINHOS

Nos mundos onde os seres evoluem existem muitas estradas de diversas configurações, desde rectas largas, estreitas, curvas, oblíquas, cruzadas, paralelas, verticais e também sem saída, que obrigam os seres em evolução a dar grandes voltas para encontrarem de novo a sua direcção.

Os seus muitos cruzamentos são de tal ordem complexos que criam autênticos labirintos, levando o Homem a perder-se sem atinar com a estrada que conduzirá à saída tranquilizadora da consciência límpida que cria a tranquilidade, a harmonia, a paz e promove a sabedoria.

Estas estradas dividem-se em dois grandes grupos: o grupo que leva o Homem à perfeição e sabedoria e o grupo que conduz à degradação que atrasa o alcançar do objectivo da lei da evolução: a realização humana.

Como é óbvio, também no final das estradas dos dois grupos existem duas portas. A do primeiro grupo só se abre para dar entrada ao ser que conquistou o direito à vida infinita e a do segundo dá passagem à chamada morte da vida na forma, com a promessa expressa de que lhe será facultada uma outra vinda para experienciar, vivendo, o que ainda não conseguiu sublimar.

Há vida na vida e também vida na morte.

Por isso nos diz Jesus: «Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.» (Mt 7,13-14).

As estradas do primeiro grupo são mais apertadas e perto do final configuram-se numa só, ainda mais apertada, enquanto as do segundo se alargam e dividem cada vez mais.

Todos aqueles que descobrem as estradas do primeiro grupo – a da evolução consciente – hão-de forçosamente passar pela porta estreita que foi construída com o esforço constante da elevação da alma humana no desejo espiritual que os conduzirá, como disse Jesus, “à vida eterna”.

Os que, sem pensar, teimam em permanecer no declive da degradação, encontram sempre a porta larguíssima escancarada, construída com facilidade na base dos seus vários desejos e ambições mundanos, dominados pela atracção, irresistível e subjugante, das solicitações da matéria e, desse modo, vivem percorrendo o trajecto onde a vida alterna com a chamada morte.

Na vida nos mundos materiais há morte. Na vida crística, que Jesus nos ensinou, vence-se a morte e entra-se na vida infinita.

A estrada da evolução é apertada, pelo que muito exige da transformação do Homem. Poucos são os que de cada vez acertam com ela, mas grande é o número dos resistentes que não querem acertar pois que ouviram dizer que ela é feita de renúncia.

A estrada que atrai o ego físico, mental e emocional é larga e sugestiva, por isso muitos são os que a preferem e dela não querem desfazer-se pois a sua porta é fácil, atraente aos desejos e espaçosa facultando à personalidade humana consideráveis prazeres e diversões efémeras.

Para percebermos a diferença teremos que descortinar com os olhos da alma qual a estrada da evolução e desejá-la ardentemente porque ela está destinada, nas leis da criação, a conduzir o Homem a cumprir o seu inevitável destino, como nos elucida Jesus na parábola do filho pródigo.

Porque as estradas da degradação, na sua marcha ilusória, proporcionam ao Homem os prazeres efémeros do mundo, é com imensas dificuldades de variadíssima ordem que ele se consegue libertar porque o mantêm aprisionado, como hipnotizado, a esses postulados.

Devemos ter a consciência que ao seguirmos pela estrada da evolução, por ela ser apertada exige conhecimentos, reclama atenção, raciocínio criterioso, espiritualidade sã, tendo todo o cuidado para não nos desviarmos da rota marcada porque o caminho dela terá que ser rectilíneo em direcção à luz, ao passo que as estradas da degradação são dotadas de muitos atractivos, recheadas de músicas e conceitos de inebriante ilusão.

Nelas funcionam os cinco sentidos humanos que entram em plena fascinação e se embriagam pelas ondulantes sensações exteriores, neutralizando o espírito que fala à consciência de dentro da nossa alma que, adormecida, não permite a manifestação da razão.

Por isso, nos adverte Paulo de Tarso que devemos fazer exame nítido, racional, inteligente, de todas as escrituras, “examinai tudo, mas abraçai só o que é bom”. (1Ts 5,21)

Para se escalar a escada evolutiva e entrar pelo portal ultra silencioso do progresso espiritual, torna-se necessário ter pureza amorosa dentro de si, prosseguindo com consciencializada fé real, prudência, temperança, rectidão, justiça, e de alma aberta ao Creador.

As estradas da degradação são as da ira, da luxúria, da soberba, do ter, do possuir, do ódio, da gula, da inveja, da falsa superioridade e do desamor que, na sua manifestação desumana, causam a dor e o sofrimento que todos nós conhecemos por os termos vivenciado em muitas vidas reencarnatórias.

Por tal motivo é o percurso das estradas largas e da porta ampla e espaçosa, o da ignorância e da inconsciência da razão de ser da vida.

Poderá o Homem lamentar-se dizendo: meu Deus, meu Deus, porque me envias tanto padecimento? Ou ainda atribuir tudo ao destino da má sorte e ao infortúnio por passar por todos estes períodos de dor e de sofrimento?

Só pode pensar assim por não saber os trâmites porque se rege a Lei de Causa e Efeito e a Lei da Reencarnação, que nos elucida que toda a dor e sofrimento porque passamos são gerados por nós próprios.

Não é à falta de sermos intuídos ou avisados que teimamos em enveredar por más estradas. A Doutrina Espírita também nos consciencializa de que não devemos aceitar tudo sem que primeiro passe pelo crivo da razão.

Ao longo de muitos milénios foram enviados à Humanidade seres de luz que, nas suas missões de esclarecimento, vieram alertar os homens para que não se enganassem na escolha das estradas a percorrer, mas as ilusões do mundo têm sido mais fortes na influência fascinante que dinamizam.

Há dois mil anos, tivemos connosco o Mestre dos mestres, o Messias Jesus, que nos transmitiu uma doutrina que continha em si as leis Divinas que conduzem o ser à casa do Pai.

E por isso ele nos diz: «Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.» (Jo 14,6) ou seja: quem seguir a doutrina que Jesus ensinou, encontrou o caminho certo para entrar no reino dos céus.

Jesus é a identificação doutrinal com o próprio Creador e por isso diz que Ele e o Pai são Um e diz a Filipe: «Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? as palavras que Eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai é quem faz as obras.» (Jo 14,10)

Para não nos enganarmos na escolha da estrada certa consciencializemo-nos profundamente, devotadamente, dos seus ensinamentos, com a nossa alma cheia de amor puro.

Porque Jesus nos ensina: «Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e ao que bate se abre. E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.» (Mt 7,7-12).

Só que, para podermos entrar em contacto com Deus, necessário se torna que a nossa alma tenha atingido a sensibilidade crística para que a sua frequência vibratória tenha já em si as condições requeridas que permitam ser ouvida pela centelha Divina que habita em nós.

Pensamos que sendo Jesus um homem de Deus, para que o possamos compreender teremos que fazer os possíveis para assimilarmos o sentido profundo da essência dos seus ensinamentos que terão de ser compreendidos sob o âmbito espiritual.

Por mais alterações de que os Evangelhos tenham sido objecto, pelas diversas razões que nos apresentam, a extracção essencial da profundidade de que os ensinamentos de Jesus se revestem tocam a alma sensível e sedenta de conhecimento, porque intuitivamente ela absorve o que na realidade e naturalmente se torna absorvível.

A Idade Média passou e hoje já estamos melhor informados sobre o que se passou no tempo de Jesus através dos Evangelhos ditos apócrifos, dos avanços científicos, de estudos aprofundados e do que se tem apurado através do estudo e pesquisa de homens interessados na verdadeira espiritualidade.

De posse desses dados já vamos percebendo, pelas conclusões a que chegamos intuitivamente, que tudo tem um sentido lógico e racional que nos dá imenso conforto.

Necessitamos de conhecer a autêntica fé e embora se comece por crer, é necessário alcançar a fé verdadeira porque fé já não é crença mas vivência no mais íntimo da alma humana.

A fé não é mercadoria que se adquira na praça pública nem dádiva que se aceite ou ofereça para ser agradável.

Não a fé cega, porque essa não conheceu a verdade porque os olhos da alma não a viram, nem a viveram.

A fé cega, não passando de crença, é apenas algo em que se acredita como popularmente é conhecida, que nos foi induzida sem análise real dos Evangelhos, sem exame e observação de outras compreensões e, sobretudo, sem a nossa aceitação consciente pelo juízo da razão.

Para lá chegarmos haverá muito trabalho a fazer no nosso interior, muito que depurar e consciencializar.

Porque só a conheceremos no momento em que esse sentimento se manifestar no sacrário da nossa alma, quando se estabelecer o contacto da conversação empática entre a alma humana e o espírito Divino.

A verdadeira fé nasce do estudo, do livre exame, da observação, da dedicação interiorizada, da transformação que eleva a nossa alma aos níveis do amor sublime porque essa é a fé activa, racional e vivida com Aquele que está em nós.

A ignorância da fé, que por isso é apenas crença, é passiva, tradicional, passando de geração para geração, aceita os dogmas que lhe são propostos sem consciência, sem análise, sem convicção, sem a necessária vivência.

Por isso diz Jesus: «Deixai-os: são condutores de cegos! Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova.» (Mt 15,14).

Examine cada um a sua fé, se já é fé ou se ainda é crença e observe criteriosamente se a casa que edificou foi construída solidamente e se foi erguida sobre a rocha.

Para isso necessitamos de saber sentindo o que é renúncia, trabalho de transformação do nosso ego, vontade inabalável, luta interior sem tréguas, oração, humildade, abnegação, consciência do que somos verdadeiramente, para que o edifício tenha bons alicerces e esteja construído sobre a rocha indestrutível: Deus.

Analisando, concluímos que existem quatro tipos de seres humanos que têm a sua forma de estar no mundo.

1º - Os que não acreditam em Deus, seguem os trâmites da vida terrena e pensam que quando morrerem a vida acabou e não há mais nada, embora saibamos que em muitos casos são ditos sem consciência de causa e outros para exibirem a sua ilusória fortaleza.

2º - Os que acreditam em Deus mas não pedem, não procuram, nem batem em portas fechadas e esperam que Deus faça tudo por eles. O que não acontece pois Deus é o nosso Criador mas não é o serviçal a prazo dos homens. Desconhecem as leis da evolução.

3º - Os que também acreditam na existência de Deus e pedem, procuram, batem na convicção de que essa sua insistência humana resulta na obtenção daquilo que desejam, pretendendo também em certa medida que Deus os sirva.

São os auto-suficientes, os auto-complacentes, os que pensam que à força de pedir aparece o milagre da resolução de todos os seus problemas e se fiam na capacidade do seu ego físico, mental e emocional, fazendo naturalmente o culto da sua personalidade, cumprindo todos os preceitos e conceitos religiosos a que pertencem.

Cumprindo sempre as normas exteriores estabelecidas pela sociedade são pessoas de bem e nada mais é preciso perante Deus.

A partir daqui nada mais há a analisar em si próprios e, sendo assim, nada têm a transformar em sua personalidade pois os afazeres do mundo são prioritários.

4º - Finalmente os que acreditando em Deus, pedem, procuram, batem, criando atitudes passíveis de receptividade, esvaziando-se das negatividades do seu ego físico, mental e emocional, estudando e aprofundando a razão de ser da vida, adquirindo estados espirituais de harmonia, de paz, que libertam a sua alma da ignorância e lhes permitem procurar o Deus que Jesus declarou estar em toda a parte.

Paremos e ouçamos Jesus. «Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina: porquanto os ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas.» (Mt 7,24-29)

Mas tenhamos presente que Deus é amor e que nenhum dos seus filhos se perderá ou se extinguirá – como preconizam alguns – bem como seja o que for que faça parte da criação, visto que tudo partiu do próprio Deus e tudo retorna a Deus como um todo que é.

Assim, Jesus, que sempre tinha uma parábola para justificar uma verdade, disse-lhes: «Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto

as noventa e nove, e não vai após a perda até que venha a achá-la? E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso; E chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.» (Lc 15,4-7)

Pensamos que nada se pode perder em Deus, porque tudo está dentro e o fora não existe.

Pensamos que o que acontece é apenas o atraso do ser, porque Deus deu ao Homem total livre arbítrio, ou seja, plena liberdade de O amar ou odiar, porque não o quer receber no seu seio pressionado ou obrigado, mas de sua livre vontade, através do amor que conquistou, senhor de todos os atributos da sua filiação Divina.

Deste modo o único prejudicado pelo atraso é o próprio Homem.

Porque ouvindo não ouvimos e vendo não vemos, deixamos que o nosso ego, na sua soberba, se encha de orgulho e vaidade tornando a vida, que com tanto amor Deus nos deu, dolorida e sofrida e que nos transforma em vítimas de nós próprios.

Deus, na sua criação, tomou todas as precisas providências que dão ao Homem infinitas oportunidades de encontrar a estrada e a porta franqueada que o levará de retorno à casa que, por direito dos filhos da luz, lhe está destinada desde o princípio.

E haverá alegria e festa no céu. (Lc 15,4-10).

19-09-1990 Abrame